

O ATOR AMADOR NO CINEMA CONTEMPORÂNEO

ALEXANDER SIRE LIMA (AUTOR)¹; CAROLINA MONTEIRO ALVES (CO-AUTORA)² JOSIAS PEREIRA DA SILVA (ORIENTADOR)³.

¹Universidade Federal de Pelotas – alex.sire.lima@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carolina.monteiro@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – erdfilmes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa procura diferenciar o recurso da utilização de atores não-profissionais ao longo da história do cinema, e defender que, em períodos e estilos específicos, trata-se de mais do que mera improvisação, ou algo puramente acidental, mas que toma a proporção de elemento intrínseco à linguagem, como no caso do chamado “Cinema Contemporâneo”.

2. METODOLOGIA

Foi realizada pesquisa bibliográfica para contextualizar os diferentes momentos da história dos séculos XX e XXI em que o recurso supracitado foi utilizado em maior relevância.

Houve um processo de análise fílmica dos filmes e movimentos citados, e de sua repercussão na história do cinema e dentro de seus respectivos países.

Fala-se sobre o processo de representação social ao longo da história e aplicado ao cinema.

É estabelecida a distinção entre “ator amador” e “não-ator”.

São levantados casos de sucesso do uso de atores amadores na história do cinema, dando-se maior ênfase no cinema contemporâneo. Foca-se, também, no documentário, abordando questões como a alteridade e a relação objeto-cineasta, e como estes elementos vem a influenciar a linguagem e o resultado final do filme

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados até então encontrados apontam para a vantagem de se utilizar da realidade do local (atores, locações, mão de obra local, etc.) em certos casos, como nas produções que buscam grande representação da realidade, ou de uma realidade. Encontra-se um maior uso de atores amadores em produções que buscam, por exemplo, escancarar a realidade do país de origem da produção. Também percebe-se ser bastante comum a utilização de pequenas cidades, aldeias, ou até comunidades, e que, assim como no documentário “de personagem”, é estabelecida uma relação permanente entre o realizador (por muitas vezes o próprio diretor) e o objeto abordado (a cidade, a comunidade, as pessoas que tornaram-se objeto fílmico), ficando o primeiro com o mesmo senso de “responsabilidade” sobre o outro que o comumente atribuído aos diretores de documentários.

A pesquisa encontra a utilização do recurso como mais um elemento essencial para a composição da linguagem de um filme, e por vezes até mesmo de um estilo próprio de filmar. E verifica, também, a atemporalidade deste elemento, utilizado amplamente no cinema do pós-guerra italiano e no atual cinema pós-moderno.

4. CONCLUSÕES

O uso de atores amadores no cinema não passa despercebido, nem deveria. Pelo contrário, se constitui como elemento fundamental, quando, utilizado de maneira justificável, compõe a mise-en-scène e narrativa do filme, sendo essencial à linguagem e elemento caracterizador do estilo, seja este estilo do artista, ou de seu gênero, ou de ambos, tratando-se não mais de “improvisação”, mas, sim, ponto de partida da obra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia:

- BARBOSA, Pedro. **Teoria do teatro moderno: axiomas e teoremas**. Porto: Afrontamento, 1982.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e Imagens do Povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.
- NOGUEZ, Dominique. **Le cinéma, autrement**. Paris: Du Ceerf, 1987. Trad. Pina Coco (nao publicada).
- SÁ, C. P. de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 19-57.
- TONEZZI, Jose. **Distúrbios de Linguagem e Teatro**. Plexus, 2007

5.1. REFERÊNCIAS AUDIOVISUAL

Filmografia:

- Cidade de Deus**. Fernando Meirelles. Brasil, 2002
- Morro do Céu**. Gustavo Spolidoro. Brasil, 2009
- Luz Silenciosa (aka *Stellet Licht*)**. Carlos Reygadas. México, 2007
- Batalha no Céu**. Carlos Reygadas. México, 2005
- Rio 40 Graus**. Néelson Pereira dos Santos. Brasil, 1955
- Vidas Secas**. Néelson Pereira dos Santos. Brasil, 1963
- Deus e o Diabo na Terra do Sol**. Gláuber Rocha. Brasil, 1964)
- Ladrões de Bicicleta**. Vittorio De Sica. Itália, 1948
- Roma, Cidade Aberta**. Roberto Rossellini. Itália, 1945
- O Homem da Câmera**. Dziga Vertov. Rússia, 1929
- O Homem de Aran**. Robert J. Flaherty. Canadá/EUA, 1934
- Nanook, o Esquimó**. Robert J. Flaherty. Canadá/EUA, 1922